



ID: 117438218

30-05-2025

Aos 600 dias da guerra Hamas/Israel, o equilíbrio de poderes no Médio Oriente está a mudar e pode vir aí uma nova configuração geopolítica

## Um novo Médio Oriente?

**Maria João Tomás**

Comecemos por Israel. A pouco mais de um ano de novas eleições, outubro de 2026, Netanyahu luta pela sobrevivência política, ocupando Gaza, usando a fome e a sede como armas. Pela primeira vez a comunidade internacional está a reagir com muita dureza, acusando-o de genocídio, enquanto António Costa e o novo chanceler alemão culpam Israel por usar violência desproporcionada contra civis na Faixa de Gaza. Também na Cisjordânia os colonatos não param de aumentar, satisfazendo a extrema-direita que quer Israel do Jordão até ao Mar. No Dia de Jerusalém, Ben Gvir liderou mais de dois mil ultranacionalistas em mais um passeio à Esplanada das Mesquitas, lembrando o velho sonho da reconstrução do 3º Templo, que significa a destruição do 3º lugar mais sagrado do Islão, a Mesquita de Al-Aqsa. Tem aqui um papel determinante a Arábia Sau-

ditá, que juntamente com a França convidaram o Brasil e o Senegal para presidir ao grupo de trabalho na ONU para a Conferência Internacional para a Solução Pacífica da Questão da Palestina e a Implementação da Solução de Dois Estados. Netanyahu já deixou bem claro que se houver reconhecimento da Palestina irá anexar a Cisjordânia. Parece evidente que nem o Hamas nem este Governo de extrema-direita de Israel são o caminho para a solução de dois Estados, mas a posição de Trump, será aqui decisiva. É certo que se tem distanciado de Netanyahu, ignorando-o na sua visita ao Médio Oriente, negociando diretamente com o Hamas a libertação do refém norte-americano e recebendo Al-Shar'a, o Presidente interino da Síria, que tem a mesma filiação ideológica do Hamas, Irmandade Muçulmana. Mas fica em aberto se quer partilhar o gás e petróleo de Gaza com Israel, já que para Trump tudo é transacional. Se o ataque de 7 de outubro serviu para colocar a questão da Palestina na

ordem do dia, parece cada vez mais possível a solução dos dois Estados, graças à pressão internacional. Caso não se consiga, carregaremos para gerações futuras o peso de mais um genocídio, sem nada termos feito!

Mas as mudanças não ficam por aqui. A queda de Assad, na Síria, veio alterar por completo o equilíbrio de poderes no Médio Oriente. A influência do Irão e do seu eixo xiita é agora passado, e a Arábia Saudita tem o protagonismo. Numa aliança inusitada com a Turquia, vai ajudar a reconstruir a Síria, e não esconde o desejo de o fazer em Gaza. Esta nova geopolítica afasta por completo os aiatolas, que enfrentam uma oposição crescente e, talvez por isso mesmo, o

**Parece evidente que nem o Hamas nem este Governo de extrema-direita de Israel são o caminho para a solução de dois Estados, mas a posição de Trump, será aqui decisiva**

Conselho de Segurança suspendeu a lei que obrigava as mulheres a usar o *hijab*, dando sinal de que não interessam revoltas internas numa altura de fragilidade do regime. Será o princípio do fim dos aiatolas? Por outro lado, enquanto decorrem as negociações com os EUA sobre o programa nuclear do Irão, Israel ameaça bombardear de novo o seu arqui-inimigo. Mais uma vez, o papel de Trump será decisivo, sabendo que quer o mercado iraniano para minimizar os estragos da guerra das tarifas.

Há mudanças significativas no Médio Oriente. A sobrevivência política de Netanyahu e as ambições territoriais da extrema-direita de Israel colocam em perigo a solução dos dois Estados, mas a pressão internacional é unânime e o papel da Arábia Saudita determinante. Uma certeza temos, o Irão deixou de ser a potência mais temida da região e corre o risco de colapsar.

Comentadora da SIC Notícias e professora do ISCTE-IUL